

Deficiência, capacitismo e interseccionalidade: a educação musical inclusiva como prática da liberdade

Comunicação

GT12 -

Ensino de música, inclusão e anticapacitismo

Flávia Maiara Lima Fagundes
UERN/UNIRIO
flaviamaiera@uern.br

Silvia Sobreira
UNIRIO
silvia.sobreira@unirio.br

Resumo: O texto apresenta um recorte de pesquisa de doutoramento em fase de finalização. A pesquisa trata sobre questões relativas à deficiência, ao capacitismo e à inclusão, a partir de uma abordagem pedagógica inclusiva e não violenta e que considera a interseccionalidade das pessoas com deficiência. O artigo explicita as questões que motivaram a escolha do tema da pesquisa, traz uma apresentação básica dos conceitos adotados no estudo e apresenta parte do resultado de um levantamento bibliográfico sobre a temática. Os resultados apontam para o aumento do interesse em pesquisas sobre inclusão, no entanto, a temática do capacitismo na educação musical no Brasil ainda é pouco discutida.

Palavras-chave: deficiência e capacitismo; interseccionalidade; educação musical inclusiva.

Educação musical, capacitismo e a interseccionalidade da pessoa com deficiência

Este artigo está inserido na área dos estudos sobre deficiência e capacitismo e traz o recorte de uma pesquisa de doutorado em fase de finalização, cujo objeto é estimular os estudantes a compreenderem as questões relativas à deficiência, ao capacitismo e à inclusão, a partir de uma abordagem pedagógica inclusiva e não violenta. A pesquisa de doutoramento apresenta os conceitos principais sobre capacitismo, deficiência e interseccionalidade para pensar uma educação musical a partir de uma perspectiva inclusiva como prática da liberdade.

O texto aqui apresentado discorre sobre o que impulsionou o interesse pela temática da pesquisa, trazendo os conceitos adotados no estudo e apresenta parte do resultado de um levantamento bibliográfico sobre a temática.

O capacitismo é uma forma de opressão que se entrelaça com outras formas de preconceito como o racismo, a misoginia e a transfobia. São opressões nas quais os corpos são considerados “atípicos”. (Diniz, 2023, 14’, 25’’). Assim, a interseccionalidade é o cruzamento dessas opressões. Logo, também é preciso refletir sobre o que significa para um ser humano ser uma criança negra, com deficiência.

As análises interseccionais têm sido cada vez mais usadas tanto dentro, como fora da academia, por docentes, profissionais da saúde e da administração, assistentes sociais, entre outros, com o objetivo de aprofundar estudos que abarcam problemas sociais importantes relacionados à saúde, pobreza, emprego e educação (Collins; Bilge, 2021, p. 15). Não podemos minimizar o que significa ser uma pessoa com deficiência, considerando as características dessa identidade como algo isolado, e muitas vezes com foco em seu diagnóstico. Ser uma pessoa com deficiência pode envolver outras identidades e características que também devem ser consideradas e respeitadas. Por exemplo, uma pessoa com deficiência pode também ser uma mulher trans, negra, lésbica, pertencente a um grupo de religião afrodescendente ou residente em uma favela.

Considerar a interseccionalidade de uma pessoa com deficiência é abordar uma gama de outras questões e problemas sociais existentes na nossa sociedade (Collins; Bilge, 2021, p. 16). Eliminar as diferenças dentro de um grupo pode ter efeito negativo (Collins; Bilge, 2021, p. 200), pois as relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social.

Ao discutir tais conceitos no contexto de ensino e aprendizagem musical, preciso ressaltar o tema da inclusão, que nas palavras de Débora Diniz (2023, 14’, 25’’) deveria ser designada como “aparição”, uma possibilidade de ver os corpos atípicos como ordinários. Diniz chama a atenção para o estigma que traz o sentimento de medo e de abjeção em relação aos corpos com deficiência, pontuando que todos nós caminhamos para um estado de atipicidade, pois com o passar do tempo, a idade traz as limitações. Esses medos são indicativos da carga significativa que o capacitismo tem em nossa sociedade (hooks, 2021, p. 68). Para bell hooks, a cultura do medo enfraquece a capacidade dos/as estudantes de

aprender, pois eles e elas passam a duvidar de suas próprias habilidades para cumprir tarefas (2021, p. 27).

É preciso ressaltar que a pesquisa da qual este texto é um recorte não se concentra em um determinado tipo de deficiência, ou nos diversos tipos de deficiências. Na defesa de tal escolha, argumentamos que, ao longo do estudo, que a exclusão ocorre em vários níveis e diversos modos e que não seria possível preparar um futuro professor para ter atuação eficaz em todos os tipos de deficiência. Contudo, o contexto de ensino e aprendizagem musical é lugar de diversidade, pois o educador recebe estudantes com vários níveis de dificuldade e o acolhimento deve ser proporcionado a todos.

Acreditamos que falta amparo inicial ao docente em formação para que ele perceba que é necessário e possível propiciar a inclusão. A partir da experiência como professora, a primeira autora deste texto percebe a necessidade de um letramento capacitista para a atuação docente em música. Para discutir a temática, tomamos como norte os conceitos de deficiência, capacitismo e interseccionalidade para pensar na construção de uma educação musical inclusiva e não violenta como prática da liberdade.

Como referencial teórico, a pesquisa se apoia nos estudos sobre deficiência de autores como Diniz (2012), Maior (2017), Böck, Silva, Gomes e Beche (2020), Lopes, Solvalagem e Busse (2020), Barbosa e Barros (2020), entre outros. Para dar visibilidade a pesquisadores e pesquisadoras, no sentido de representatividade, o conceito de “capacitismo” é comentado e discutido a partir das percepções e da escrita de autores e autoras que são pessoas com deficiência, tais como: Ignarra e Saga (2023), Segalla (2021), Loreto (2021), Vitor di Marco (2020), Figueira (2021), Piccolo (2015), Louro (2023). A discussão sobre a temática é ampliada a partir de outros autores como: Souza (2021), Bento (2022), González e Hasembalg (2022), Mello (2016).

Com relação à interseccionalidade, autores e autoras como Crenshaw (2015), Akotirene, (2022), Collins; Bilge (2021) e Collins (2022) sustentam os argumentos apresentados. Para pensar na construção de uma educação inclusiva, anticapacitista e não violenta como prática da liberdade a fundamentação da prática pedagógica da pesquisa se fundamenta nos pensamentos de bell hooks (2017, 2020, 2021) e de Paulo Freire (2005, 2019,

2021, 2022). A seguir, serão apresentados os motivos que impulsionaram a realizar a pesquisa. O texto passará a ser escrito na primeira pessoa do singular, por se tratar da experiência pessoal da primeira autora.

Motivos para pesquisar sobre o capacitismo na Educação Musical

Ao fazer parte do corpo docente do Departamento de Artes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, atuando na Licenciatura em Música em disciplinas como Estágio Supervisionado, Educação Musical e Inclusão, Metodologia do Ensino da Música, como também coordenando Projeto de Extensão com perspectiva inclusiva, programas como o PIBID, atuando como coordenadora pedagógica da Escola de Música Dalva S'tella Nogueira Freire (escola de extensão da UERN), entre outros, me deparo cotidianamente com a real necessidade de pensar o ensino e a aprendizagem musical a partir de uma perspectiva inclusiva, diversa e não violenta.

A pesquisa não teve a intenção de trazer propostas prontas de atividades e práticas pedagógicas inclusivas. No entanto, penso que, como educadores e educadoras musicais que atuam diante a diversidade humana, não podemos nos esquivar de pensar na construção de um ambiente de ensino e aprendizagem musical com práticas pedagógicas que combatam as mais diversas violências cotidianas. Portanto, assumo uma perspectiva que visa o desenvolvimento da percepção crítica, na tentativa de colaborar para a constituição de um espaço educativo que promova a inclusão e o combate às violências.

Em geral, as pessoas estão acostumadas a acharem que o ambiente ideal de aprendizagem é aquele em que o/a professor/a dá aula aos estudantes e estes/as, para aprender, precisam estar quietos/as e em silêncio, e que só devem agir quando forem estimulados/as. Paulo Freire chama a atenção para o modelo da educação bancária, no qual o/a educador é a pessoa que sabe de tudo e deposita os conhecimentos nos/as estudantes que não sabem de nada (Freire, 2005, p. 66).

No curso de licenciatura em música no qual atuo, existe a proposta de se promover reflexões nos Seminários de Estágio realizados pelos/as estudantes. O projeto pedagógico do curso entende a universidade como um local de formação em que os/as futuros/as professores/as têm a oportunidade de expressar seus anseios, mas que ao mesmo tempo que

possam aprender a criar estratégias pedagógicas para a prática docente. Os Seminários de Estágio, que acontecem todos os semestres, têm a função de promover o compartilhamento dessas estratégias e de reflexão sobre as práticas.

É comum ouvir dos estudantes estagiários que para conseguirem realizar as atividades planejadas para o contexto de ensino eles precisavam “dominar” a turma. Há também uma grande preocupação em não saber lidar com as pessoas com deficiências e transtornos, além da questão de “perder o controle” da turma. Ao longo de minha prática docente, tenho o costume de promover discussões a partir de perguntas como: Por que acho que não sei lidar com as pessoas com deficiências e transtornos? Porque há um forte pensamento de que precisamos “dominar” a turma? Será que precisamos reforçar a cultura da dominação na aula de música? Será que podemos pensar na sala de aula como um contexto diverso e democrático onde todos e todas que estão ali como uma comunidade de aprendizes? Como consigo promover um ambiente que todas as pessoas presentes possam se sentir capazes e responsáveis por contribuir com a aprendizagem?

Assim, ao supervisionar os estágios curriculares realizados em algumas escolas públicas e privadas na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, tenho presenciado situações em que os/as estudantes de licenciatura apresentam dificuldades na questão de lidar com as pessoas com deficiência na sala de aula. Essas dificuldades são expressas em suas falas quando os/as licenciandos/as demonstram insegurança e receio ao se depararem com estudantes com deficiência em suas salas de estágio docente. Além disso, sempre me são solicitadas ajuda e colaboração, tanto desses/as professores/as em formação, quanto das professoras e coordenadoras pedagógicas, em relação ao ensino de música inclusivo nas escolas.

Os/as estudantes, ao se perceberem diante a situação, pedem sugestões de atividades e sequências didáticas que possam promover acessibilidade e participação ativa das crianças com deficiência. Também, as equipes pedagógicas das escolas relatam ter dificuldades na comunicação, ao tentarem fazer com que as crianças com deficiência se engajem nas atividades escolares ativamente e permaneçam frequentando a escola com assiduidade.

Assim, a partir das disciplinas Estágio Supervisionado, dos relatos dos/as estudantes e do acompanhamento das práticas nas escolas junto aos/as estudantes e equipe pedagógica,

me deparo com situações em que, muitas vezes, as crianças com deficiência não participam ativamente nas aulas de música. Ou seja, é recorrente a falta de protagonismo dessas crianças nas atividades musicais coletivas.

Constatando tal problema, percebi que deveria me concentrar no estudo sobre o capacitismo, buscando compreender como ele acontece nos contextos de ensino e aprendizagem musical, como identificá-lo e combatê-lo.

Educação Musical inclusiva como prática da liberdade

Por quais motivos devemos falar sobre a deficiência ou dar aulas para pessoas com deficiência e transtornos causa medo? Ainda podemos nos perguntar: o que na nossa infância aprendemos sobre questões de raça, sobre deficiência, sobre questões de gênero, orientação sexual e sexualidade? Educar musicalmente tratando sobre questões de raça, gênero, sexualidade e capacidade, entre tantas outras formas de dominação e de violência, é confrontar os preconceitos. Ninguém nasce capacitista, mas muitos de nós nos tornamos ainda na infância. Estimular o desenvolvimento da consciência na infância é importante para que as crianças tenham a oportunidade de escolher trilhar os caminhos da equidade e da justiça. Explorar os entendimentos primários sobre tais questões nos ajuda a pensar sobre representatividade, diversidade, respeito e lugar de fala.

É preciso muito empenho por parte dos/as docentes e da sociedade para que a diversidade em sala de aula seja viabilizada de forma consciente. Nem todos nós, educadores e educadoras musicais, encaramos o desafio de criar espaços nos quais possamos ensinar e aprender fora das normas vigentes e criar espaços que não reforcem o capacitismo e os sistemas dominantes. De nada adianta estudar e até escrever sobre o capacitismo e as diversas violências e não fazer nada para impedir que ações não violentas e anticapacitistas determinem, ou pelo ao menos guiem o modo de viver e educar musicalmente.

Como professora de disciplinas como Estágio Supervisionado na Educação Básica e Educação Musical e Inclusão, trabalho ensinando sobre ensino, ensinando sobre como ensinar. Ao perceber as dificuldades dos meus estudantes e as suas inquietações e medo sobre ensinar música no contexto da Educação Básica, comecei a propor reflexões sobre inclusão e diversidade. Percebi, diante dos discursos dos/as estudantes, que quase que intuitivamente

reproduziam o pensamento sobre inquietações de como dominar a turma, como ensinar música a uma pessoa com deficiência e transtorno e o que fazer diante à situação.

Diante de tal situação, comecei a fazer questionamentos sobre qual a necessidade de continuarmos reproduzindo um contexto de ensino aprendizagem musical que reforça medo, violência e injustiça. Assim, alimentei a esperança de construir uma formação docente em que os estudantes pudessem se tornar engajados nas discussões sobre as diferenças e as dificuldades na sala de aula. Isso resultou na vontade de promover diálogos que pudessem refletir sobre como o ambiente de sala de aula pode se tornar um lugar mais inclusivo, menos violento, um contexto em que nós podemos aprender a prática do respeito e da liberdade.

Desde o ano de 2020, ao começar a ministrar a disciplina com a temática da Educação Musical e Inclusão, dei partida na formação de uma comunidade de aprendizes que pudesse construir o conhecimento de forma coletiva, colaborativa e com compartilhamento de experiências. A partir daí, todas as atividades realizadas na disciplina foram feitas de forma coletiva e colaborativa, proporcionando a construção de conhecimento compartilhado. Busquei dar sentido à coletividade a partir do entendimento de que todos nós temos habilidades e dificuldades, e que, juntos e juntas, poderíamos potencializar a construção do conhecimento na sala de aula. No decorrer da disciplina, percebi que o desenvolvimento das atividades realizadas colaborativamente sustentava e fortalecia o engajamento nas participações.

Comecei a querer ensinar sobre ensino de forma que o ensinar e aprender pudesse trilhar o caminho do respeito, da “justiça, da paz, do amor da criação e da manutenção de uma comunidade acadêmica e intelectual” (Hooks, 2021, p. 60), de forma que pudesse estimular os/as profissionais que estavam ali se formando, a desenvolverem consciência crítica para atuar diante a diversidade.

Muitos/as professores veem à sala de aula como o “mini país” que precisa ser governado, tornando assim o contexto de aprendizagem um lugar de hierarquia e subordinação, em que a figura do/a educador/a atua compartilhando o conhecimento da maneira como bem entende, sem diálogo, sem abertura, sem flexibilização. Valorizar a obediência e a subordinação fortalece um sistema que privilegia a exclusão (hooks, 2021, p.

144 - 145). No entanto, aos/as professores/ que fazem o melhor trabalho estão sempre buscando atender as necessidades dos estudantes (Hooks, 2021, p. 141).

Publicações sobre inclusão e capacitismo na Educação Musical

Na primeira parte desta seção, são apresentados textos que já eram estudados antes do início da pesquisa de doutoramento, em geral na forma de livros. Na segunda parte, será apresentada a revisão sistemática sobre o tema ou aqueles que o tangenciam, como inclusão e deficiências.

É importante mencionar algumas pesquisas pioneiras no Brasil sobre a temática da educação musical especial. Neste sentido, destacamos a produção de Viviane Louro (2009, 2012, 2016, 2018, 2021, 2023). A professora e pesquisadora além de vasta produção bibliográfica difundiu a temática pelo Brasil em cursos e oficinas, ajudando a construir na área da educação musical um pensamento mais inclusivo. Louro apresenta o tema da inclusão pelo teatro e pela música, sempre refletindo sobre os fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência. Além disso, a autora propõe jogos e atividades musicais para a educação musical inclusiva e discussões sobre música e inclusão. Seus estudos apontam profundas reflexões sobre educação musical, autismo e neurociências.

Outro trabalho que merece destaque é o de Fantini, Rose e Joly (2016). Tendo como foco a Educação Musical Especial, as autoras analisam a produção sobre a temática dos últimos 30 anos até sua data de publicação. Os textos trazem considerações sobre a publicação de pesquisas que tratam dos processos inclusivos. O estudo das autoras apresenta o levantamento bibliográfico sobre a temática, trazendo maior consistência às discussões na área da Educação Musical Especial.

Algumas pesquisas também têm como foco o ensino e aprendizagem musical em contextos com pessoas com deficiência, como o estudo de Soares (2006), que investigou as concepções de professores da Educação Infantil sobre as crianças com deficiências nas aulas de música. Já Cavalcanti e Schambeck (2015) investigaram as dimensões das práticas musicais de uma professora da Educação Básica em contexto inclusivo. Em outro texto, Schambeck (2017) também discute sobre a formação e preparação de professores para atuarem com

alunos com deficiência nas aulas de música. Silva e Almeida (2018) buscaram compreender como tem se constituído a prática de professores de música com crianças com deficiência no ensino fundamental.

Conforme comentado anteriormente, as pesquisas mencionadas até aqui tangenciam a temática desta tese, mas não tratam necessariamente do capacitismo. Tal constatação me levou a empreender uma nova busca com outras palavras-chave. Assim foram realizadas buscas a partir das palavras-chave “inclusão”, “deficiência” e “capacitismo”. O site Amplificar¹ me conduziu aos diversos periódicos da área da música, como a Revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). A busca também foi realizada no banco de Teses e Dissertações da CAPES. A seguir comento o resultado desta busca.

Ao realizar a busca a partir da palavra “inclusão”, o site Amplificar mostrou resultados que ao todo somavam 69 publicações, no qual, 59 destas tratam sobre a temática da inclusão da pessoa com deficiência, a partir de diferentes subtemas. Além disso foram encontrados 10 textos que não se encaixam na temática desta tese, pois abordam assuntos como a inclusão digital, música na terceira idade, cultura tradicional, música para pessoas em privação de liberdade, entre outros.

As 59 publicações com a temática sobre a inclusão da pessoa com deficiência foram organizadas por subtemas para que as perspectivas das pesquisas sejam visualizadas de forma mais simples. Foram encontrados sete trabalhos sobre música e **Deficiência Visual**, dentre eles, quatro dissertações de mestrado, duas comunicações orais apresentadas em eventos e um artigo publicado em periódico. Duas publicações tiveram por foco a inclusão da pessoa com **Paralisia Cerebral**, uma dissertação de mestrado, e a outra, um artigo em periódico. Quatro pesquisas tiveram por subtema a inclusão de pessoas **Autistas**, sendo que dois são artigos publicados em periódicos e duas publicações em anais de eventos. Das 59, cinco publicações têm por subtema a inclusão de pessoas com **Deficiência Auditiva**. Destes trabalhos, quatro são publicações em anais de evento e um artigo publicado em periódico. Também foram encontradas seis publicações sobre **Inclusão e Musicoterapia**: cinco artigos

¹ O site Amplificar é uma ferramenta destinada a pesquisadores da área de Música, que facilita o processo de busca da produção bibliográfica nacional da área (base de dados Data), assim como a descoberta de periódicos, eventos, associações científicas e programas de pós-graduação brasileiros de Música (base de dados Pesquisa em Música no Brasil). Link de acesso: <https://www.amplificar.mus.br/info>.

publicados em periódicos e uma dissertação de mestrado. O *site* mostrou também oito publicações com o subtema que trata sobre a **Inclusão e Formação Docente**. Destas, cinco são artigos publicados em periódicos, dois são publicações em anais de eventos e uma dissertação de mestrado.

Além dos subtemas deficiência visual, paralisia cerebral, deficiência auditiva, autismo, inclusão e musicoterapia, inclusão e formação docente, foram encontrados 23 publicações que por tratarem de temas diversos, foram classificados nesta pesquisa como **Tema Geral**, pois tratam da inclusão e temas que não focam especificamente em diagnósticos ou em formação docente. Os temas variaram entre inclusão na Educação Básica, como o canto coral, projetos sociais, musicalização, pesquisas de levantamento bibliográfico sobre tecnologia assistiva, sobre pessoas em sofrimento psíquico, entre outras. Destas 23 publicações, sete foram artigos e resenhas publicados em periódicos, oito dissertações de mestrado e oito publicações em eventos.

Ao fazer buscar pela palavra “deficiência”, o *site* Amplificar mostrou resultados que ao todo somavam 59 publicações. Destas, uma publicação não interessa a esta pesquisa, pois trata-se de inclusão digital. Apenas 36 publicações surgiram como novos resultados, 19 publicações já haviam aparecido na busca pela palavra inclusão, sendo que duas delas tratavam sobre deficiência e capacitismo. Destas 36, foram categorizadas duas com a temática da deficiência no contexto do **Ensino Superior**, três no contexto da **Educação Básica**, uma no contexto de **Espaço Não Formal**, uma em contexto de **Escola Especial**, quatro com a temática da **Musicoterapia**, outras quatro com a temática da **Deficiência Intelectual**, uma sobre **Deficiência Múltipla**, e outras 15 sobre **Deficiência Visual**. Outras cinco publicações foram categorizadas como **Tema Geral**, pois tratavam sobre levantamento bibliográfico, mapeamento de desenvolvimento musical, adaptação de instrumento, entre outros.

Foram encontradas apenas quatro publicações com a temática sobre inclusão e capacitismo e/ou anticapacitismo. Três artigos publicados em periódicos e uma dissertação de mestrado. Ao fazer a busca no Amplificar especificamente com as palavras-chave “**capacitismo**” e “**anticapacitista**” o *site* mostrou um resultado com cinco publicações, quatro delas foram as mesmas encontradas como subtema da palavra-chave “inclusão”, e mais um artigo publicado em periódico.

É importante também informar que foi realizada nova busca nas revistas da ABEM entre os anos de 2015 e 2025. Ao buscar pela palavra-chave “inclusão” apenas duas publicações foram encontradas, uma que trata sobre “Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: Escola Livre de Música como espaço inclusivo” (Guerra Valério; Schambeck, 2022) e outra sobre “Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música (Schambeck, 2025). Cabe explicar que aparecem outras palavras-chave como “Educação Inclusiva”, “educação musical especial”, “educação especial”, educação musical inclusiva”, no entanto, para esta pesquisa o foco da busca foi a utilização da palavra-chave “inclusão”, especificamente direcionado às pessoas com deficiência.

Das cinco publicações sobre capacitismo, quatro foram publicações em periódicos. Silva e Louro (2023) têm o objetivo de discutir o capacitismo e a inclusão no contexto de um curso de Licenciatura em Música, a partir do relato de experiência de uma das autoras que tem Disfonia Espasmódica. O trabalho afirma que as discussões sobre inclusão e capacitismo no ensino superior caminham lentamente, mesmo já existindo Leis, diretrizes internas e projetos da universidade voltados para a inclusão de pessoas com deficiência, transtornos e síndromes raras. As autoras desejam contribuir com a ampliação da bibliografia específica na área de acessibilidade, inclusão e capacitismo, e enfatizam sua importância para a formação de professores para atuar diante à diversidade em sala de aula (Silva; Louro, 2023).

Louro (2023) tem por objetivo promover uma reflexão sobre como o capacitismo e a psicofobia no ensino da música. No texto, em forma de ensaio, a autora expõe suas ideias e pontos de vista sobre o tema, dialogando com a bibliografia vigente. A autora busca contribuir com a expansão das discussões sobre o tema e busca incentivar a criação de propostas inovadoras na construção de novos caminhos musicais sob uma perspectiva anticapacitista e antipsicofóbica.

Fagundes (2022) apresenta e discute os conceitos de deficiência e capacitismo e cita exemplos de como o capacitismo pode se manifestar nas aulas de música, propondo reflexões sobre a inclusão de estudantes com deficiência. Em colaboração com orientadora (Fagundes; Sobreira, 2023) são apresentados os modelos de compreensão da deficiência, além de trazer discussões sobre o capacitismo, entendendo este como uma forma de violência.

A busca no site Amplificar e refeita no Catálogo de teses e dissertações da CAPES apresenta um número de dissertações e teses sobre o capacitismo e educação musical teve o resultado de apenas uma dissertação (Santos 2021). As outras três não tratavam do assunto dentro do ensino de música.

Santos (2021) teve por objetivo compreender as concepções sobre deficiência que fundamentam os saberes e práticas docentes de professores de música que atuam no Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro – RJ). O estudo sugere que os cursos de formação de professores a (re)avaliem seus projetos políticos pedagógicos, para que os futuros professores de música que atuarão no contexto de educação musical inclusiva adotem práticas anticapacitistas. A revisão bibliográfica feita pela autora também mostra que capacitismo não vem sendo estudado na nossa área (Santos, 2021).

Considerações finais

A partir de pesquisas como as até aqui apresentadas foi possível perceber que a temática de música e inclusão, embora seja incipiente quando relacionada com a longa trajetória de lutas e conquistas voltadas para as pessoas com deficiência, vem se caracterizando como questão significativa nas investigações da área da educação musical. É importante enfatizar o aumento de interesse pela temática da inclusão, no entanto, as pesquisas sobre o capacitismo na educação musical no Brasil ainda são poucas.

Por isso, acreditamos ser necessário investir na realização de um trabalho que não busque por um enquadramento em padrões, no entanto, as pesquisas em educação musical no Brasil tratam da temática das deficiências que focam nos diagnósticos, na formação docente, nos benefícios que a aprendizagem musical pode proporcionar ao desenvolvimento da pessoa com deficiência e na construção de recursos didáticos.

Entendemos que o ensino e a aprendizagem musical colaboram para o desenvolvimento de todos os indivíduos. Também percebemos a urgência na realização de pesquisas que discutam e combatam o capacitismo, considerando outras questões sociais que constroem a identidade das pessoas com deficiências e transtornos, e que cultive um modo de perceber a diferença não como uma distorção, mas sim como uma manifestação das diversas possibilidades de ser e estar no mundo.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022. 151 p.

BARBOSA, Livia; BARROS, Ana Paula Nascimento. Os estudos sobre deficiência informando a política pública: a experiência da Universidade de Brasília na construção do Modelo Único de Avaliação da Deficiência. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena. *Estudos da deficiência: antipacitismo e emancipação social*. Curitiba: Crv, 2020. p. 37-54.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; SILVA, Solange Cristina da; GOMES, Débora Marques; BECHE, Rose Clér Estivalette. Estudos da deficiência na educação: reflexões sobre o capacitismo no ensino superior. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena. *Estudos da deficiência: antipacitismo e emancipação social*. Curitiba: Crv, 2020. p. 211-225.

CAVALCANTI, Francisca Maria Barbosa; SCHAMBECK, Regina Finck. Práticas musicais em sala de aula inclusiva: Relatos de uma Escola Waldorf do Brasil. *Revista Educação, Artes e Inclusão*. v.11, n. 2, 2015.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021. 287 p. Tradução Rane Souza.

COLLINS, Patrícia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2022. 423 p. Tradução de Bruna Barros, Jess Oliveira.

CRENSHAW, Kimberlé. *Porque é que a interseccionalidade não pode esperar*. 2015. Traduzido por Santiago D'Almeida Ferreira. Disponível em: <https://apidentidade.wordpress.com/2015/09/27/porque-e-que-a-interseccionalidade-nao-pode-esperar-kimberle-crenshaw/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DINIZ, Débora. Seminário Capacitismo e Interseccionalidade - *Conferência*. ENAMAT Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados do Trabalho. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pOOkhlokf70>. Acesso em 27 maio 2025.

FAGUNDES, F. M. L. DEFICIÊNCIA E CAPACITISMO: reflexões sobre a inclusão na aula de música. *DEBATES - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música, [S. l.]*, v. 26, n. 1, p. 121-132, 2023. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistadebates/article/view/12609>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FAGUNDES, Flávia Maiara Lima; SOBREIRA, Silvia Deficiência e capacitismo: o ensino e a aprendizagem musical a partir de práticas pedagógicas anticapacitistas. *Orfeu*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. e0114, 2023. DOI: 10.5965/2525530408022023e0114. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23744>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FANTINI, Renata Franco Severo; JOLY, Ilza Zenker Leme; DE ROSE, Tânia Maria Santana. Educação Musical Especial: produção brasileira nos últimos 30 anos. *REVISTA DA ABEM*, [S. l.], v. 24, n. 36, 2017. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/566>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FIGUEIRA, Emílio. *As pessoas com deficiência na história do Brasil: uma trajetória de silêncios e gritos*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021. 216 p.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 192 p.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019. 192 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 190 p.

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 141 p.

GUERRA VALÉRIO, Mara Síntique; SCHAMBECK, Regina Finck. Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: Escola Livre de Música como espaço inclusivo. *REVISTA DA ABEM*, [S. l.], v. 29, 2022. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1022>. Acesso em: 6 jun. 2025.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2017. 283 p. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021. 296 p. Tradução Kenia Cardoso.

IGNARRA, Carolina; SAGA, Billy. *Manual Anticapacitista: o que você precisa saber para se tornar uma pessoa aliada contra o capacitismo*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023. 159 p.

LOPES, Paula Helena; SOLVALAGEM, Alana Lazaretti; BUSSE, Fernanda Grangeiro Maltby Seixas. Em vistas da coligação: a interseccionalidade como ferramenta da luta anticapacitista, antirracista e antissexista. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia

Kempfer; LOPES, Paula Helena. *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: Crv, 2020. p. 129-144.

LORETO, Luiz Carlos. *Capacitismo: o que é isso?*. Primeira Edição, 2021. 84 p.

LOURO, Viviane dos Santos. *Arte e Responsabilidade Social: Inclusão pelo teatro e pela música*. Santo André: Tdt Artes, 2009. 131 p.

LOURO, Viviane. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: SOM, 2012. 314 p.

LOURO, Viviane dos Santos. *Música e inclusão: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Som, 2016. 283 p.

LOURO, Viviane dos Santos. *Jogos e atividades musicais para a educação musical inclusiva*. São Paulo: Editora Som, 2018. 202 p.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação Musical, Autismo e Neurociências*. Curitiba: Appris, 2021. 201 p.

LOURO, V. Capacitismo e Psicofobia no ensino musical. *Diálogos Sonoros, [S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 1–22, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/30714>. Acesso em: 6 jun. 2025.

LOURO, Viviane dos Santos; SILVA, Juracy Pereira da. Instrumentos musicais acessíveis: um projeto de extensão da Universidade Federal de Pernambuco. *Orfeu*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. e0104, 2023. DOI: 10.5965/2525530408012023e0104. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23607>. Acesso em: 1 ago. 2024.

MAIOR, Izabel Maria Madeira de Loureiro. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. *Inclusão Social*, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 28-36, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4029>. Acesso em: 24 fev. 2022.

MARCO, Victor Di. *Capacitismo: o mito da capacidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2020. 80 p.

MELLO, Anahi Guedes. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63047756029>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PICCOLO, Gustavo Martins. *Por um pensar sociológico sobre a deficiência*. Curitiba: Appris, 2015. 285 p.

SANTOS, Gabriela Cintra dos. *Por uma prática pedagógica-musical anticapacitista: narrativas de professores de música do Instituto Benjamin Constant*. Dissertação de Mestrado. 2021. 159 p.

SILVA, Mayara Barbosa da; LOURO, Viviane dos Santos. Capacitismo e música: discussões a partir do relato de experiência de uma estudante com disfonia espasmódica em um curso de Licenciatura em Música em uma universidade pública brasileira. *Orfeu*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. e0103, 2023. DOI: 10.5965/2525530408012023e0103. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23502>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SCHAMBECK, Regina Finck. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. *REVISTA DA ABEM*, [S. l.], v. 24, n. 36, 2017. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/598>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SEGALLA, Juliana Izar Soares da Fonseca. *Inclusão não é favor nem bondade*. São Paulo: Matrioska, 2021.

SILVA, Crislany Viana da; ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Educação Musical e Inclusão: Um estudo sobre as práticas de professores de música no ensino fundamental. *Revista Educação, Artes e Inclusão*. v.14, n.4, 2018.

SOARES, Lisbeth. *Formação e prática docente musical no processo de educação inclusiva de pessoas com necessidades especiais*. 2006. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. *Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.